

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL**

**DANTE DE LAYTANO: UM DIÁLOGO
CONVERGENTE COM A OBRA AFRICANISTA DE
ARTHUR RAMOS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Maurício Lopes Lima

Santa Maria, RS, Brasil

2010

**DANTE DE LAYTANO: UM DIÁLOGO
CONVERGENTE COM A OBRA AFRICANISTA DE
ARTHUR RAMOS**

por

Maurício Lopes Lima

Monografia apresentada ao Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História do Brasil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em História do Brasil.**

Orientador: Prof. Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Santa Maria, RS, Brasil

2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Especialização em História do Brasil**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**DANTE DE LAYTANO: UM DIÁLOGO CONVERGENTE COM A OBRA
AFRICANISTA DE ARTHUR RAMOS**

elaborada por
Maurício Lopes Lima

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em História do Brasil

COMISSÃO EXAMINADORA:

Luiz Eugênio Vescio, Dr. (Depto História)
(Presidente/Orientador)

Beatriz Teixeira Weber, Pós-Dra. (Depto História)

Luís Augusto Ebling Farinatti, Dr. (Depto História)

Santa Maria, 18 de fevereiro de 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho fosse concluído, marcando uma nova etapa de meu processo de formação.

Ao professor Júlio Quevedo pelas conversas de direcionamento e pela compreensão das condições de conclusão desse trabalho. Também ao professor Luiz Eugênio pela presteza e profissionalismo na solução dos trâmites para a defesa.

À minha namorada, Magáli, pelo ouvido, pelo amor e pela compreensão.

À minha irmã, Silvani, pela ajuda, pelos conselhos, pelo carinho.

À minha grande amiga Simone com quem sempre pude contar. Também ao Departamento de História pela bolsa estudantil.

À Universidade Federal de Santa Maria pela estrutura de que pude usufruir e possibilitou não apenas esse Curso de Especialização, mas toda minha formação acadêmica.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em História do Brasil
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Federal de Santa Maria

DANTE DE LAYTANO: UM DIÁLOGO CONVERGENTE COM A OBRA AFRICANISTA DE ARTHUR RAMOS

AUTOR: MAURÍCIO LOPES LIMA
ORIENTADOR: JÚLIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 18 de fevereiro de 2010.

A pesquisa incide na análise do trabalho de Dante de Laytano dedicado à situação da população afro-descendente no Rio Grande do Sul. Embora a obra de Laytano seja vasta e variada, em relação ao negro não são muitos os textos, contudo importantes, porque esse historiador foi um pioneiro no estudo sistemático das relações raciais, concernentes ao negro, no Rio Grande do Sul, a partir da década de 1930. A partir daí é possível ver referências ao antropólogo Arthur Ramos em suas análises. Exploramos alguns textos de Laytano procurando identificar referências e um alinhamento metodológico, conceitual e interpretativo aproximado daquelas categorias operadas por Arthur Ramos, enriquecendo o debate em relação à importância e a inovação que o estudo do negro representou, naquele momento, no Rio Grande do Sul. Trata-se de um trabalho introdutório em que levantamos alguns elementos de aproximação. Apresentamos os dois intelectuais e as condições em que cruzaram suas idéias e evidenciamos a particularidade da influência de Ramos em contraste com a de Gilberto Freyre, a quem se tem atribuído preponderantemente a influência sobre Laytano, em relação ao estudo do negro e sua cultura. Além disso, levantamos elementos que aproximam Laytano da obra de Ramos, principalmente os conceitos da antropologia cultural norte-americana, bem como a *africanização* da cultura negra.

Palavras-chave: Dante de Laytano. Arthur Ramos. Antropologia. Africanismo. Negro no Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

Specialization Monograph
Center of Human and Social Sciences
Universidade Federal de Santa Maria

DANTE LAYTANO: A CONVERGENT DIALOG WITH THE AFRICANIST WORK OF ARTHUR RAMOS

AUTHOR: MAURÍCIO LOPES LIMA
ADVISOR: JÚLIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS
Defense date and local: Santa Maria, February 18th, 2010.

This research arises on the analysis of the work of Dante de Laytano dedicated to the afro-descendant population from Rio Grande do Sul, Brazil. Although the work of Laytano is broad and varied, in relation to black people there are not many texts, therefore important because this historian was a pioneer in the systematic study of racial relations, concerning black people, in Rio Grande do Sul, after the 1930s. From this, it is possible to observe references to the anthropologist Arthur Ramos in his analysis. We explored some texts of Laytano trying to identify references to a methodological, conceptual and interpretative arrangement approximated to those categories operated by Arthur Ramos, enriching the discussion in relation to the importance and the innovation that the study about black people represented, in that moment, in Rio Grande do Sul. This is an introductory work in which we approach some elements of approximation. We presented both intellectuals and the conditions in which their ideas crossed and we evidenced the particularities of Ramos influence in contrast with Gilberto Freire's, to whom it is attributed preponderantly the influence about Laytano, in relation to the study of black people and their culture. Besides, we discussed elements that bring Laytano near the work of Ramos, mainly the concepts of North-American cultural anthropology, as well as the africanization of the "black culture".

Key Words: Dante de Laytano, Arthur Ramos, anthropology, africanism, black people in Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| CAPÍTULO 1: ARTHUR RAMOS – ANTROPOLOGIA DO NEGRO | 15 |
| CAPÍTULO 2: ATENÇÃO À ESPECIFICIDADE DA CULTURA AFRICANA..... | 26 |
| 2.1 O NEGRO NO RIO GRANDE: UM CAMPO DE ESTUDOS LEGÍTIMO..... | 33 |
| 2.2 FRONTEIRAS EPISTEMOLÓGICAS DO FOLCLORE | 38 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 41 |
| REFERÊNCIAS..... | 43 |

INTRODUÇÃO

A literatura consagrada ao estudo das relações raciais, principalmente a que diz respeito ao negro no Brasil, reconhece a década de 1930 como determinante para uma reviravolta no olhar que se dispensa à problemática. Por volta da década de 1870, tomam força no Brasil teorias raciais oriundas da ciência européia que aqui foram reapropriadas tendo em vista as representações vigentes na época de que o Brasil seria um país mestiço e, por isso, singular. A singularidade era vista de forma extremamente pessimista, pois a presença de etnias inferiores, principalmente o enorme contingente negro misturado, estava degradando a civilização brasileira e condenando o seu futuro.

A miscigenação brasileira nesse período imediatamente anterior a 1930 é questão de muita polêmica entre os intelectuais locais, já que precisava dialogar com o determinismo, o evolucionismo e o racismo implicados na apropriação de tais teorias.

Nos anos 1930, por sua vez, a condenação transforma-se em tábua de salvação, a própria mistura racial passa a ser exaltada como o elemento unificador, o diferencial positivo da sociedade brasileira.

Na contramão do debate dominante até então, a década de 1930 marca a chegada ao Brasil, de forma sistemática, da antropologia cultural norte-americana que buscava dissociar o binômio raça/cultura. É nesse momento histórico importante de interpretação da formação étnica e cultural do Brasil, que também estava coadunado com uma preocupação política de construir uma identidade para o país, que se encontram os intelectuais aqui abordados, Arthur Ramos e Dante de Laytano.

Dante de Laytano nasceu em Porto Alegre em 23 de março de 1908 e faleceu em fevereiro de 2000.

Sua trajetória intelectual foi bastante intensa. Começou sua carreira intelectual escrevendo crítica literária e cinematográfica e artigos para jornais. Também chegou a escrever literatura, alguns contos, mas sem muita repercussão. Laytano concluiu o colegial no Instituto Ginásial Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, em 1925 e, em 1930, bacharelou-se pela faculdade

de Direito de Porto Alegre. No colégio Julio de Castilhos, segundo ele próprio, teria aprendido a ser castilhista e um adepto das doutrinas de Comte.

[...] o sortilégio de Augusto Comte nos impressionou no Rio Grande do Sul e, minha geração foi a última que viria a defrontar-se com o crepúsculo de sua área de ação na Província e mesmo no meu colégio, o Júlio de Castilhos, professores não escondiam as preferências ao positivismo e alguns nos doutrinavam discretamente. [...] O Colégio Julio de Castilhos abrigava mestres eminentes, alguns vindos da propaganda republicana, outros que lhe eram dependentes e continuaram os ensinamentos. (LAYTANO, apud NEDEL, 2005, p. 475)

Excetuando-se alguns cargos administrativos que ocupou, como na secretaria de cultura e de agricultura, por exemplo, além de breve carreira na magistratura, foi na carreira acadêmica que mais atuou e se destacou.

A incursão de Dante de Laytano pelos caminhos da História deu-se durante sua atividade enquanto promotor na cidade de Rio Pardo, quando decidiu escrever um livro sobre a história do município, pois suas funções como promotor, segundo ele, facilitavam o acesso às fontes. O ingresso no círculo dos historiadores teve como percurso o Museu Julio de Castilhos, onde entrou pela mão de Eduardo Duarte e Alcides Maya. Segundo relato de Laytano, quando jovens, ele e alguns outros eruditos da sua geração, como Walter Spalding, Manoelito de Ornellas, Olinto Sanmartin, tiveram nesses dois nomes apoio para ingressarem nas atividades intelectuais.

Ainda quando residia em Rio Pardo, Eduardo Duarte chamou Laytano para a realização dos primeiros trabalhos que lhe renderam publicação na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS).

Quando achei que podia estudar Rio Pardo e pelas razões que minhas funções de promotor me davam acesso aos documentos, arquivos, prefeituras, dossiês de famílias antigas e pessoas importantes. Numa cidade do interior tinha poucas opções para ocupar minhas horas livres. (...) Então restou o estudo. Independente disso, vim a Porto Alegre ao Arquivo Histórico, que era seção do Museu Júlio de Castilhos, dirigido pelo Dr. Eduardo Duarte. Fiz perguntas a ele sobre documentos, de como podia estudá-los. Terminei sendo um discípulo de quem me orientou sobre os documentos e materiais que eu deveria pesquisar. (LAYTANO, apud FLORES, 1995, p. 111)

Em 1935, publica *História da República Rio-Grandense*, por ele mesmo considerado como uma obra central em sua trajetória, seu redirecionamento, tendo, a partir daí, apresentado-se sempre como historiador.

De maneira embora um tanto arbitrária, pois Laytano publica até a década de 1980, podemos enquadrar o “cerne” de seu pensamento e sua pesquisa no período que vai de 1930 a 1960. A partir de 1930 passa a pesquisar história, efetua suas primeiras publicações e é admitido como sócio efetivo do IHGRS. Na década de 1940 sua atuação seria muito importante na criação e estruturação dos cursos de História da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e da Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), em 1952, quando essa universidade foi federalizada, Laytano é nomeado catedrático na instituição.

No início da década de 1960 exonera-se das atividades que desenvolvia como diretor do museu Júlio de Castilhos, anexo ao Instituto Histórico, onde desenvolvia suas pesquisas, principalmente sobre folclore. (NEDEL, 2006)

Na década de 1970, Laytano se aposenta também da universidade, onde além de lecionar desempenhou, por mais de uma vez, cargos administrativos como chefe de Departamento e diretor e vice-diretor do Instituto de Filosofia. Mesmo aposentado, Laytano não se afastou do meio acadêmico, foi contratado, logo após sua aposentadoria, para presidir a Comissão de História da URGS. (BARCELLOS, 1997)

Em 1936, Laytano publicou *Os africanismos do Dialeto Gaúcho*, onde se propôs a analisar a “antropologia filológica do linguajar gaúcho”, vendo como os termos de origem africana contribuíram na formação do linguajar típico do estado. A preocupação com a história do negro no Rio Grande do Sul assumiu a partir de então parte importantíssima de sua obra. Segundo ele próprio¹, depois da Revolução Farroupilha, a temática do negro foi seu maior corpus de interesse científico.

Os africanismos do Dialeto Gaúcho foi uma obra dedicada ao antropólogo Arthur Ramos, que despontava no momento como grande interlocutor no estudo das relações raciais e da cultura negra no Brasil. Essa obra constitui um marco na carreira de Laytano, tanto por sua inclinação às preocupações com a situação do negro no Rio Grande do Sul, como o próprio acompanhamento da obra de Ramos, que se torna para ele uma referência.

¹ Entrevista concedida a Moacyr Flores, conferir: FLORES, Moacyr. **Nos Caminhos da História com Dante de Laytano**. In: Estudos Ibero-Americanos / pós-graduação de História, PUCRS, v. XXI, n. 1 – 160, julho, 1995.

Durante as décadas seguintes, 1940, 1950 principalmente, continuou a publicar uma série de estudos com a mesma preocupação, evidenciar a contribuição do negro para a constituição histórica e cultural do Rio Grande do Sul.

Atento ao ambiente intelectual de fora da província, “fora dos vícios do ambiente nativo”, Laytano fez avançar a leitura culturalista para a formação do estado.

Dante defende ao longo de seu[s] argumento[s] uma tese culturalista da formação riograndense. Nela, ele articula elementos ambientais (geográficos), lingüísticos e históricos. Com isso avança a leitura antropologia da cultura brasileira para o sul do país (...) (BARCELOS, 1997, p. 266)

E não é diferente a opinião de Moacyr Flores:

Laytano traz um novo enfoque ao estudar os vocábulos, as lendas, os terreiros de batuque e o papel do africano em nossa história. Sua visão é histórico-cultural, coletando dados na bibliografia, comparando-os com os documentos e a tradição oral. (...) Escrevendo em uma época em que o espaço geográfico e a raça eram aspectos determinantes para os profissionais da história, Laytano extrai fatos do cotidiano que permitem a reconstituição da sociedade do passado, livre das paixões ou de exaltações nativistas. (FLORES, 1989, p. 77, 79)

Em 1948 Dante de Laytano foi figura central na criação da Comissão Estadual de Folclore (CEF), filial regional da Comissão Nacional de Defesa do Folclore Brasileiro (CNFL). A partir da Comissão de Folclore, sediada no Museu Júlio de Castilhos, Laytano procura fomentar e expandir os estudos das manifestações culturais, inclusive constituindo uma base de oposição a ala conservadora do IHGRS, que continuava a negligenciar a temática não política. Para Letícia Nedel, os estudos do folclore representaram nesse momento,

Uma tentativa de atualização teórico-metodológica, com a importação de conceitos das Ciências Sociais (como “fato folclórico”, “comunidade”, “aculturação”, “assimilação” e outros), a exigência de embasamento empírico nas pesquisas sobre cultura popular (mobilizando técnicas específicas de recolhimento de dados) (...) (NEDEL e RODRIGUES, 2005, p. 173)

No que tange à questão étnica, a influência de Gilberto Freyre é salientada por alguns estudiosos de sua obra. Dante faz um grande esforço

para apresentar o Rio Grande do Sul como um reduto decisivamente luso-brasileiro. As matrizes étnico-culturais do gaúcho, assim como as brasileiras, são o português, o negro e o índio, nessa sequência. Uma análise da obra desse intelectual evidenciará que seus estudos estão permeados dessa preocupação, apresentando o açoriano como a principal etnia, pois “ficou no Rio Grande do Sul de maneira avassaladora, na proporção maior de todas as outras etnias e correlação delas” (LAYTANO, 1987, p. 23). O índio que é por ele de certa forma negligenciado e o negro que, em sua óptica, embora represente uma baixa parcela da população sul-rio-grandense, é uma etnia essencial na constituição do estado.

É exatamente essa a questão primordial que nos incomodou, ter encontrado estudos que procuram identificar a influência de Gilberto Freyre sobre Dante de Laytano², aliás, inúmeros estudos mostram a importância que o sociólogo recifense adquire entre os intelectuais gaúchos contemporâneos a Laytano. Contudo, em relação a Arthur Ramos, há um silenciamento.

Há necessidade de se fazer uma análise mais acurada do trabalho de Dante de Laytano relativo ao negro sul-rio-grandense para evidenciar até que ponto vão realmente o que ele refere como “influências decisivas”. O próprio Laytano oferece um primeiro indício, é preciso ver com maior rigor analítico as especificidades do trabalho desenvolvido pelo autor sobre o negro no Rio Grande do Sul, visto que representa um grande avanço na historiografia produzida no estado gaúcho, refratária a essa temática. Isso por si já se evidencia, num primeiro momento, em uma problemática a ser abordada.

Apenas para concluir essa introdução, já longa, consideramos importante apresentar um dado a respeito de Arthur Ramos, o fato de ser um intelectual quase desconhecido. Quando falávamos, mesmo entre

² FLORES, Moacyr. **Dante de Laytano e o negro no Rio Grande do Sul**. Cadernos IHU idéias, ano 5 – nº 79- 2007 – 1679-0316. Unisinos: Instituto Humanitas Unisinos, 2007.; FLORES, Moacyr. **Historiografia: estudos**. Porto Alegre: nova dimensão, 1986., FLORES, Moacyr. **Historiografia de Dante de Laytano**. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXVI, nº 1 p. 7-22, junho, 2000; FLORES, Moacyr. **Nos caminhos da História com Dante de Laytano**. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXI, nº 1 p. 109-117, julho, 1995; BARCELLOS, Daysy M. de. **Dante de Laytano e o folclore Negro no Rio grande do Sul**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 3, nº 7 p. 252 – 275, outubro de 1997; NEDEL, Letícia B. **A recepção da obra de Gilberto Freyre no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v13n1/a04v13n1.pdf>> Acesso em: 12/04/2008. (2007); NEDEL, Letícia B. **Um Passado Novo para uma História em Crise: Regionalismo e Folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)**. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

antropólogos, sobre nossa pesquisa, tínhamos que explicar quem era Arthur Ramos, qual sua importância para as ciências sociais do país. Esse esquecimento de Ramos, talvez contribua, segundo pensamos, para a não atenção em relação a sua influência sobre inúmeros intelectuais seus contemporâneos.

Arthur Ramos desponta contemporaneamente a três gigantes das ciências sociais brasileiras, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior, mas acabou por ser relegado ao segundo escalão, enquanto “autor menor”. Certamente inúmeros fatores contribuíram para esse ostracismo nas gerações posteriores, como o embate entre adversários em relações político-acadêmicas, as orientações teóricas, a longevidade do intelectual na consequente defesa de sua obra, bem como na arregimentação de discípulos.

Campos (2004) identifica, entre inúmeras outras que possa haver, duas possibilidades para o esquecimento de Ramos. Um seria de ordem teórica: teria sido sua filiação a teóricos que se opuseram ao pensamento de Durkheim, visto que o modelo sociológico durkhemiano de buscar legitimidade científica por oposição ao estilo literário e principalmente por oposição à psicologia, foi o que se impôs. Esse é o caso de dois grandes interlocutores de Ramos, principalmente na primeira fase de sua obra: Lévy-Bruhl e Gabriel Tarde, importantes contestadores de Durkheim. Mais do que o estilo literário, do qual Ramos até procurou se afastar em busca de maior rigor, foi sua atenção à psicologia social tanto de Bruhl quanto de Tarde, como do próprio brasileiro Nina Rodrigues, que teria levado à forte contestação posterior à obra de Ramos.

Outro fator levantado por Campos teria sido justamente a sombra de Gilberto Freyre, que se impôs, ele próprio esforçando-se nesse sentido, como o grande renovador das ciências sociais brasileiras, ao recusar o determinismo e abrir novos horizontes a partir da leitura culturalista.

Gilberto Freyre reivindica para si todo o mérito de precedência, do pioneirismo, nos estudos etnológicos no Brasil. Desde as abordagens psicanalíticas, a atenção às idéias de Boas, e o diálogo com a antropologia cultural norte-americana, Freyre argumenta que foram projetos idealizados por ele próprio e chega a colocar-se como aquele que teria orientado Ramos tanto

na inclinação à antropologia quanto na utilização da psicanálise – salientando ainda o exagero de Ramos como essa última em contraste com sua prudência.

A morte de Arthur Ramos aos 46 anos, no auge de sua carreira, pode ter contribuído para a autoimposição de Freyre como o único, porque pioneiro, portanto pai da criança, atualizador das ciências sócias brasileiras. Campos conclui: “A especial vocação de Freyre para promover o seu próprio mérito e a curta biografia de Ramos são motivos consideráveis dentre aqueles que promoveram o quase esquecimento posterior do último autor”. (CAMPOS, 2004, p. 56)

No primeiro capítulo apresentamos um pouco da biografia de Arthur Ramos, bem como aspectos centrais de sua obra, destacando sua peculiaridade de antropólogo africanista, especialista no estudo do negro. Mostramos, além disso, como no final de sua carreira demonstra uma atuação mais política, tanto em favor da instituição de uma antropologia acadêmica quanto da *antropologia aplicada* na superação do racismo, o que o leva a afastar-se um pouco da pesquisa de campo e da certeza do método africanista.

No segundo capítulo partimos para a análise das aproximações entre Laytano e Ramos, argumentamos em favor da perseguição de um viés, se não africanista, pelo menos bastante atento às especificidades da cultura africana sobrevivente no Brasil, e no Rio Grande. Levantamos também alguns aspectos da trajetória e das relações intelectuais de Laytano aproximadas da defesa de uma maior valorização e rigor no estudo do negro no Rio Grande do Sul. Terminamos por comentar brevemente alguns aspectos do ambiente de formação das ciências sociais no Brasil, que coincide com esse período, vendo o diálogo que o folclore mantém principalmente com a antropologia.

CAPÍTULO 1: ARTHUR RAMOS – ANTROPOLOGIA DO NEGRO

Arthur Ramos é um cientista de intocada autoridade na abordagem dos estudos raciais e da cultura negra no período em que Dante de Laytano está produzindo, segunda metade da década de 1930 e década de 1940. A história da formação de uma antropologia acadêmica nacional, no Brasil, confunde-se com a própria trajetória de Ramos, sempre direcionando suas pesquisas para a abordagem do “problema do negro”.

Esse capítulo se propõe a fazer um apanhado biográfico da trajetória de Arthur Ramos destacando alguns elementos que são de crucial importância em sua atuação ou que consideramos relevantes para pensar uma aproximação de sua obra com a do historiador e folclorista gaúcho Dante de Laytano. Fizemos uma brincadeira com o título desse capítulo parafraseando a forma como Laytano se refere a Arthur Ramos em seu livro de memórias, *Mar Absoluto das Memórias* (1986).

Arthur Ramos de Araújo Pereira nasceu na cidade de Pilar, Alagoas, em 1903. Optou pela carreira de medicina para a qual teve que mudar-se para a Bahia onde concluiu a graduação no ano de 1926. Seu perfil acadêmico já se esboça desde a época de estudante como aluno destacado e respeitado pelos professores e colegas. Também, desde essa época inicia suas contribuições à imprensa escrevendo cotidianamente para jornais e revistas.

Pode-se considerar que a vida profissional de Arthur Ramos se inicia depois da defesa da tese *Primitivo e Loucura*, obtendo o título de Doutor em Ciências Médicas, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Nos anos seguintes assume a função de médico legista do Instituto Nina Rodrigues, onde realizou seus primeiros ensaios de antropologia física e entrou em contato com o material etnográfico acumulado por Nina Rodrigues, iniciando-se aí seu interesse pela continuação dos estudos daquele, também médico, maranhense, que foi um pioneiro no estudo científico do negro no Brasil – o que o leva a se dedicar prioritariamente à “questão negra”.

De acordo com Campos (2004), de quem estamos seguindo a orientação nesse apanhado biográfico, a predileção por temas e instrumentais psicanalíticos marca tanto o período de formação como o início da carreira de Arthur Ramos. O gosto pelos estudos em psicanálise o levará a tentar fazer a

integração dos mesmos com a psiquiatria, a pedagogia e as ciências sociais, principalmente a antropologia de viés culturalista que marca, posteriormente, um gradual afastamento da inclinação psicanalítica de sua obra.

A formação entre a psiquiatria, a psicanálise e a psicologia social vai edificar a base de disciplinas que oferecem o alicerce sobre a qual Arthur Ramos vai abrir-se às ciências sociais e construir sua abordagem antropologia. A tentativa de articulação entre essas diversas disciplinas, voltados para a interpretação do comportamento social, faz com que sua obra gire em torno do chamado “problema do negro”. Nesse sentido também é interessante acompanhar sua intensa e engajada trajetória acadêmica.

Pode-se identificar uma primeira fase da obra de Ramos marcada pela ênfase psicanalítica. Com a publicação de *O negro Brasileiro*, em 1934, o ponto essencial a destacar é a *perspectiva africanista* de seus estudos, a partir da antropologia. Dentro dessa abordagem Ramos preocupou-se em “resgatar os elementos originais dos padrões de cultura africana no Brasil” – seguindo nesse sentido a tradição de Nina Rodrigues – procurando distinguir a cultura africana da branca e da indígena, uma metodologia comparativa que, por sua vez, estava muito em voga na moderna antropologia. (CAMPOS, 2004)

Vale assinalar a forte influência das teorias psicanalíticas do sociólogo francês Lévy-Bruhl que nesse momento se mostram preponderantes sobre seu trabalho, por meio da qual procura estabelecer a psicologia social e desvendar a “alma primitiva” do negro brasileiro. De acordo com Nucci (2006), Ramos vê o negro brasileiro como atrasado culturalmente, *mas não biologicamente* como o fizera seu mestre Nina Rodrigues, o negro está em um estágio de cultura inferior. Essa concepção de atraso cultural é extraída das teses do sociólogo francês Lévy-Bruhl sobre “pensamento pré-lógico” na cultura africana.

Dessa forma, para Ramos, nesse primeiro momento, o principal problema sobre o qual refletir ao pensar o papel do negro na sociedade brasileira era identificar em suas *culturas originais* essas heranças pré-lógicas que se manifestam na psique coletiva da civilização brasileira e penetram em seu inconsciente folclórico. A partir daí, poder-se-ia superá-los e conseqüentemente elevar o nível cultural e racional dessa nova civilização.

A transferência de Arthur Ramos para o Rio de Janeiro se dá em 1933, por meio da ajuda de conterrâneos já lá estabelecidos. Teve a ajuda de amigos

já respeitados no cenário político e intelectual, como Afrânio Peixoto e Anísio Teixeira, esse o nomeou chefe do serviço de Ortofrenia e Higiene Mental da Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal. (CAMPOS, 2004, p. 36)

Arthur Ramos paulatinamente nas décadas de 1930, 1940, se impôs como a grande autoridade nos estudos africanistas e criou uma rede de interlocução com antropólogos e instituições acadêmicas dos Estados Unidos, nomes como Donald Pison, Melville Herskovits, Richard Patee e vários outros.

É importante ter em conta que esse é um momento de consolidação das Ciências Sociais no Brasil e é uma preocupação de Ramos instituir as bases para uma antropologia acadêmica nacional. (CAMPOS, 2004, CORRÊA, 2000, MAIO, 1999, NUNCCI, 2006)

No campo científico do momento ao qual nos propomos a dar atenção, final da década de 1930 e década de 1940, Arthur Ramos parece figurar enquanto o antropólogo cientista preocupado com o rigor metodológico e coadunado com as mais recentes aquisições da antropologia internacional, em contraste, por exemplo, com Gilberto Freyre que possuía um prestígio intelectual incontestável, contudo como o intérprete genérico da formação histórico-sociológica brasileira, mas de caráter ensaístico, literário e não acadêmico. Campos (2004) aponta alguns elementos nesse sentido que são apreendidos da obra *Folk-lore negro no Brasil*, de Ramos, de 1935. O autor profere uma crítica a Freyre justamente no que tange às interpretações genéricas sem um estudo “prévio, discriminativo, genérico”. O Brasil não possuía “estabilidade sociológica” para ensaios panorâmicos, por isso a pesquisa prévia e cuidadosa da formação da população era considerada essencial por Ramos para base informativa e deveria ser anterior a essas interpretações. (CAMPOS, 2004)

Ramos enquanto discípulo continuador de Nina Rodrigues é um dos fundadores da escola Nina Rodrigues, logo após sua chegada ao Distrito Federal. Foi Ramos quem batizou assim a atuação conjunta de alguns intelectuais baianos, como Afrânio Peixoto, Anísio Teixeira, Édson Carneiro, ou que na Bahia tinham feito carreira, como ele próprio, e que no início da década de 1930 migraram para o Rio de Janeiro. A estratégia de atuação da escola Nina Rodrigues está predominantemente imbricada à carreira de Arthur Ramos, como autoproclamado discípulo e continuador da obra de Rodrigues. A

atuação conjunta desses intelectuais permitiu a edição ou reedição dos trabalhos de Nina Rodrigues e dos membros do próprio grupo, através da biblioteca de Divulgação Científica, da Editora Civilização Brasileira, dirigida por Ramos. (CORRÊA, 2000). Ali também se compõem um importante centro para pesquisa das relações raciais no Brasil. Corrêa (2000) mostra como, a partir da escola Nina Rodrigues, solidifica-se a perspectiva africanista desses estudos em que a preocupação é, a partir da Bahia como o campo privilegiado de levantamento etnográfico, mostrar as sobrevivências da cultura africana.

Um dos grandes objetivos desses intelectuais era justamente solidificar essa perspectiva antropológica diante da linha privilegiada por Gilberto Freyre no Recife.

Três elementos pareciam se constituir, assim, nos signos de diferenciação entre baianos e pernambucanos: a primazia no estudo das relações raciais, atribuída pelos primeiros ao médico Nina Rodrigues, a evidente ênfase dos baianos numa atuação política e, o que foi a marca do seu trabalho nessa época, a “africanização” da Bahia, com tudo o que isso implicava – a começar pela eleição de certos centros de culto como “puros”, por oposição aos cultos “híbridos”. (CORRÊA, 2000, p. 239)

Em 1935 Arthur Ramos é convidado a ocupar a cadeira de Psicologia Social da Universidade do Distrito Federal por Afrânio Peixoto e Anísio Teixeira, quando passa a entrar em contato com Gilberto Freyre, então diretor do Departamento de Ciências Sociais daquela universidade.

Em 1939 é fundada a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) e Arthur Ramos é nomeado interinamente para a cadeira de Antropologia e Etnografia, tornando-se, em 1946, catedrático, através de concurso. Como catedrático da cadeira de Antropologia e Etnografia da FNFfi, Arthur Ramos se firmou como o grande interlocutor praticamente monopolizando o estudo das relações raciais – sinônimo da relação entre pretos e brancos.

Por sua situação privilegiada no Rio de Janeiro, no interior de uma rede de relações que atava o trabalho intelectual ao trabalho político, obteve uma posição também privilegiada como interlocutor de pesquisadores estrangeiros que para aqui vinham, seus livros foram traduzidos para o inglês, depois para o

francês, e ele terminou sua carreira como alto funcionário da UNESCO. (CORRÊA, 2000, p. 247)

No contexto nacional Arthur Ramos era o patrão do nascente campo de estudos sobre o negro. Ele e os outros membros da “escola” Nina Rodrigues dividiram entre si o filão de possibilidades de atuação política e científica aberta por Raimundo Nina Rodrigues, Ramos encarregou-se de dar continuidade à antropologia do Negro, constituindo-se no padrinho dos estudos sobre os afro-brasileiros e a sua cultura e em patrono dos aspirantes a viver profissionalmente do ensino e da prática da antropologia do Negro [...] (SEGURA-RAMÍREZ, 2006, p. 123)

Arthur Ramos tinha uma grande habilidade de transitar pela política acadêmica, revela isso a assídua correspondência que mantinha com intelectuais tanto nacionais, como o próprio Laytano, e principalmente internacionais, como Sigmund Feud, Roger Bastide, inúmeros americanos.

Como demonstram Nucci (2006) e Campos (2004), entre franceses, Roger Bastide parece ter sido o que mais se interessou pelo trabalho de Arthur Ramos. Bastide procura divulgar a produção científica do brasileiro na Europa e facilitar seu trânsito entre os sociólogos franceses. As trocas entre ambos envolvem convites para visitas, permuta de artigos, revistas e livros, convites para participação em eventos e pesquisas de campo. Bastide chega ao Brasil em 1938 e a relação entre ambos parece ter sido bastante estreita, inclusive o próprio Dante de Laytano desfrutou da relação intelectual de ambos, como confirma o depoimento de Laytano reproduzido no capítulo seguinte.

A posição de autoridade para o estudo das relações raciais no Brasil parece um bom parâmetro para observar a aproximação de Dante de Laytano para com Arthur Ramos. Bastide confirma a importância de Ramos como autoridade científica e interlocutor fomentador da expansão da pesquisa no país, bem como de incentivador de pesquisadores de menos notoriedade.

Arthur Ramos despreendeu-se de todo e qualquer preconceito, quer de raça, quer de religião. Ensinou aos africanistas brasileiros o valor da objetividade científica. Também trouxe sem dúvida uma interpretação, efetuada por meio de teorias psicanalíticas; mas teve o grande cuidado de separar radicalmente a descrição dos fatos da interpretação que lhes dá, em seguida, à parte. Conseguiu também despertar em muitos jovens o interesse por essas pesquisas e, pelo menos durante o período que vai de 1933 a 1940 aproximadamente, pôs em moda o estudo das sobrevivências africanas na civilização brasileira; mostrou a necessidade de não separá-lo nem das descobertas feitas pelos

etnógrafos, tanto na África como em outras partes da América, nem das teorias gerais da antropologia cultural norte-americana. (BASTIDE, apud NUCCI, p. 68)

A defesa de uma abordagem teórico-metodológica que privilegia o resgate das sobrevivências africanas leva Arthur Ramos a aproximar-se de outro intelectual importante no campo dos estudos da cultura nesse universo científico, o antropólogo norte-americano Melville J. Herskovits.

Guimarães (2004) analisou correspondências trocadas entre Herskovits e Ramos a partir de 1935 e procurou mostrar inúmeras afinidades tanto pessoais como intelectuais entre os dois cientistas. Essa afinidade de Ramos com a antropologia de Herskovits culminou com a ida do brasileiro para acompanhar o seminário sobre aculturação ministrado por Herskovits em 1941 na Northwestern University em Evanston. Em seguida, entre setembro de 1941 e agosto de 1942, foi a vez do antropólogo norte-americano vir a estudos de campo no Brasil, passando por Porto Alegre, oportunidade em que entrou em contato com Dante de Laytano.

Desde 1938 Arthur Ramos projetava uma passagem pelos Estados Unidos para aprimorar a sua formação. Pelos dois anos seguintes, Herskovits tenta conseguir uma bolsa de estudos junto à Guggenheim Foundation e a Rockefeller Foundation para a ida do brasileiro para seu país. Quando, em 1939, a Guggenheim abre seu programa para brasileiros, Ramos, por sua influência junto a outros intelectuais, havia recebido um convite de Linn Smith para dar aulas pela Universidade da Louisiana, em New Orleans, entre fevereiro e março de 1940. De acordo com Guimarães é impressionante o esforço feito por Herskovits para agenciar a extensão da estadia de Ramos nos estados Unidos, tanto a partir do contato com inúmeras autoridades científicas em instituições de financiamento de pesquisas quanto em universidades, procurando agendar cursos e conferências remuneradas para que o brasileiro pudesse se manter e aproveitar os contatos.

Arthur Ramos tentará estender ao máximo seu tempo nos Estados Unidos, principalmente com a ajuda de Herskovits e se mantém por lá até abril de 1941.

Durante os breves meses de fevereiro e março [de 1941], Herskovits escreverá 31 cartas a amigos e colegas, para garantir que o seu parceiro brasileiro conheça algumas dos melhores Departamentos de

Antropologia de universidades da costa leste, tais como a University of Pennsylvania, a Columbia University; Yale University e a Howard University. Escreve ademais para o American Museum of Natural History, em New York; o Museum da University of Pennsylvania, e o Institute of International Education, em New York, envidando seus esforços para que Ramos se encontre com os grandes nomes da antropologia americana. (GUIMARÃES, 2004, p. 15)

Esse período nos Estados Unidos é importantíssimo para Arthur Ramos reorientar seus estudos. Pode-se assim, de acordo com Campos (2004), identificar um segundo momento de sua obra, no final da década de 1930 e década 1940, em direção à antropologia cultural desviando-se mais acentuadamente do viés psicanalítico de um primeiro momento de sua obra e dando atenção à necessidade da profissionalização da antropologia do Brasil. (CAMPOS, 2004)

Depois de sua volta dos Estados Unidos funda, em 1941, no Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnografia (SBAE), vendo aí grande oportunidade de reunir e divulgar as obras e as pesquisas existentes no Brasil, assim como manter um intercâmbio internacional. Ramos publica a partir do respaldo dessa instituição, entre outras, duas obras importantíssimas em sua carreira, *A Aculturação Negra no Brasil* e o primeiro volume de *Introdução à Antropologia Brasileira*, em 1943, e o segundo volume dessa segunda obra em 1947. Lembre-se que Arthur Ramos é o “dono” da cátedra de Antropologia e Etnografia da FNFfi desde 1939, assim junto com a SBAE, ambas sob seu controle, permitem um quase monopólio por sua parte da pesquisa antropológica no país.

A orientação teórico-metodológica de seus estudos aproxima-se da antropologia norte-americana, principalmente através da ênfase na ideia de *contatos* culturais. Arthur Ramos vai procurar formular categorias mais adequadas às novas nomenclaturas para os resultados observados dos contatos culturais, aproximando-se da antropologia mais moderna, principalmente dos estudos da *aculturação*³. Ele entende as sobrevivências

3 O conceito de *Aculturação* torna-se o carro chefe da antropologia cultural norte-americana para o estudo das interações e interpenetrações de culturas em contato. Por mais que fosse um método interpretativo já trabalhado por alguns antropólogos, é em 1936 que Redfield, Linton e Herskovits sistematizam o conceito, que seria: “(...) conjunto das mudanças que se produzem nos modelos culturais (*patterns of culture*) originais, quando grupos de indivíduos de culturas diferentes entram em contacto directo e contínuo. Esta definição implica que cada cultura constitua um sistema, cujos vários elementos se reelaboram por ocasião desses

africanas como decorrência de graus de assimilação cultural em evolução dentro do processo de aculturação. Conforme intensifica-se o contato, haverá uma completa assimilação da cultura africana.

Essa concepção fica evidente nessa passagem de *A Aculturação Negra no Brasil*, 1943.

[...] as leis da evolução psicológica das religiões não estão ligadas ao fator étnico racial, mas ao grau de intensidade ou de importância das culturas religiosas em contato. O apego às práticas mais puras e mais primitivas das religiões e cultos africanos, por parte dos Negros, não exprimia uma incapacidade mental, porém menores oportunidades, devido à sua posição social, de se porem em contato com outras culturas. (RAMOS, apud NUCCI, p. 78)

O sincretismo é visto como uma fase no processo de aculturação e isso explica sua preocupação com a identificação de sobrevivências africanas que deviam ser o primeiro passo do antropólogo: identificá-las para analisar suas transformações sucessivas através do sincretismo dentro do processo de aculturação.

Maio (1999) sintetiza de forma muito apropriada o deslocamento teórico metodológico de Ramos dos anos 1930 para os anos 1940, na passagem de uma visão racionalista, pautado na psicanálise, para um enfoque culturalista da antropologia cultural norte-americana.

[...] cabe registrar, em termos gerais, que na virada dos anos 30 Arthur Ramos revê sua identificação com os postulados de Lévy-Bruhl sobre a mentalidade pré-lógica dos negros dos negros, a concepção acerca de supostas atitudes patológicas dos negros envoltas por reflexões freudianas dos rituais afro-brasileiros, incorporando a sua análise o modelo de aculturação proposto por Melville Herskovits [...] Não menos importante foi o estreito contato de Arthur Ramos com o cenário acadêmico norte-americano dos anos 30 e 40, por meio de cursos, palestras, correspondências com *scholars* americanos (Melville Herskovits, Lewis Hanke, Donald Pirson, Ruth Landes, T. L. Smith e outros), edição de livros em revistas e coletâneas e resenhas de suas obras em publicações científicas norte-americanas [...] (MAIO, 1999, p. 210)

contactos. Sublinha ainda que, sejam quais forem as ocasiões (invasão, colonização, migração), há aquisições, trocas e reinterpretções entre as duas culturas e que nenhuma cultura se impõe completamente à outra, embora, com toda a evidência, dado que as condições históricas criam sempre uma situação objectiva de desigualdade, o contributo de umas e de outras seja desigual. (Redfield, Linton, Herskovits 1936; Herskovits 1952)". Ver. **DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA** Sob a direção de RAYMOND BOUDON, PHILIPPE BESNARD, MOHAMED CHERKAoui e BERNARD-PIERRE LÉCUYER Tradução de António J. Pinto Ribeiro PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE LISBOA, 1990. p. 5.

A partir do término da Segunda Guerra, o campo de estudo das relações raciais no Brasil passa a receber grande atenção quanto à perspectiva harmônica dessas relações evidenciadas nos trabalhos da geração de 1930, 1940, nomes que vão de Gilberto Freyre e Arthur Ramos, os mais destacados no Brasil, a Roger Bastide, Melville Herskovits, Donald Pison, Ruth Landes, Franz Frazier, estrangeiros que tinham no Brasil seu terreno de pesquisas. Tanto Freyre quanto Ramos passam a militar a causa da democracia racial do Brasil como modelo para o mundo. Ramos pode-se dizer chega ao auge de sua carreira acadêmica nesse momento, quando assume a chefia do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO e se torna o responsável pela elaboração de um grande projeto de estudo das relações raciais no Brasil, financiado por aquela agência.

A aproximação com uma antropologia aplicada levou a um afastamento entre Ramos e Herskovits no que tange a abordagem culturalista *africanista*. Conforme Corrêa (2000), até o momento dessa reorientação de Ramos “Melville Herskovits, (...) representava, no campo norte-americano, o que Arthur Ramos representava no campo brasileiro do estudo das relações raciais” (CORRÊA, 2000, p. 248).

Essa autora mostra a defesa ferrenha do viés africanista por Herskovits explorando seus embates no campo norte-americano com o antropólogo Franz Frazier, para quem não havia sobrevivências puras da cultura africana no negro americano e sim uma cultura adaptada. A perspectiva integracionista de Frazier via na abordagem africanista um obstáculo ainda maior à aculturação e à superação do racismo. (GUIMARÃES, 2004; CORRÊA, 2000). Herskovits desprezava a antropologia aplicada porque a considerava meras engenharias sociais, políticas ideológicas de um anti-racismo imediatista, antiacadêmico e demasiado político.

A partir daí o interesse de Ramos já não se atém à pesquisa de campo, mas à política acadêmica, a institucionalização da antropologia no país e a constituição de uma agenda mundial para a reconstrução anti-racista. Sintomático do afastamento de Ramos da abordagem africanista defendida desde o início de sua carreira é o convite de Frazier e não de Herskovits par os preparatórios da agenda de pesquisa UNESCO no Brasil.

O deslocamento teórico do antropólogo alagoano acabou se intensificando no engajamento anti-racista pós-guerra para o que Maio (1999), pautado em Costa Pinto, chama de uma “sociologização da antropologia” (MAIO, 1999, p. 212). Na verdade Ramos direcionou-se para uma antropologia aplicada na superação do racismo e, pela primeira vez, afastando-se da abordagem africanista e dando maior ênfase à integração do negro na sociedade de classes.

É necessário ver essas reviravoltas dentro do ambiente de consolidação das Ciências Sociais no Brasil. Nesse momento, final dos anos 1940, e décadas de 1950 e 1960, que é caracterizada por disputa de espaço institucional entre a antropologia e a sociologia, consolida-se, grosso modo, uma tendência crítica à antropologia em favor da sociologia, principalmente devido à predominância do culturalismo na antropologia. Sociólogos como Costa Pinto e Florestan Fernandes procuram contrapor-se “aos estudos antropológicos e históricos que estariam identificados com o passado, com o padrão tradicional das relações sociais ainda existentes no país”. (MAIO, 1999, p. 208)

Devido a sua autoridade reconhecida em nível internacional no campo das pesquisas raciais e o seu engajamento em lutas contra o racismo tanto no Brasil quanto no exterior, expresso em livros, conferências e artigos, Arthur Ramos recebe, em agosto de 1949, o convite para chefiar o Departamento de Ciências Sociais da recém criada UNESCO, agência das Nações Unidas. Em sintonia com as crescentes preocupações da agência internacional devido à persistência do racismo no pós Segunda Guerra e aos problemas socioeconômicos vividos pelos países subdesenvolvidos, Ramos considerava premente a incorporação de determinados estratos sociais marginalizados à modernidade – representados no plano étnico-racial por negros e índios. (MAIO, 1999, p. 210)

Arthur Ramos morreu em Paris dois meses após ter assumido o cargo na UNESCO. Dante de Laytano assim se refere ao seu falecimento:

Arthur Ramos tinha pressão alta, Paris era inverno quando ele foi para lá e morreu quase em seguida. Os médicos não acreditam em doenças nele. O Brasil perdeu um grande homem, a Unesco deixou de ter um brilhante diretor e eu perdi um amigo do coração. (LAYTANO, 1986, p. 90)

Antes de sua morte, porém, Ramos ainda teve tempo de delinear um ousado plano de trabalho no qual estava previsto o incremento de pesquisas sociológicas e antropológicas no Brasil, principalmente para desvendar seu modelo de democracia racial como exemplo para o mundo.

Em junho de 1950, na Conferência Geral da UNESCO, na mesma ocasião em que a agência divulgou a Primeira Declaração sobre Raça, foi aprovado também a realização da pesquisa sobre as relações raciais no Brasil. A constatação da pesquisa desenvolvida no Brasil por sociólogos e antropólogos acabou por identificar a inexistência de relações raciais harmônicas e democráticas no país. Entra em evidência uma intensa crítica à obra dos sistematizadores do “mito”. Florestan Fernandes, por exemplo, será um contundente crítico do viés ideológico da obra de Gilberto Freyre, relacionando-o com o autoritarismo político e o conservadorismo social. Quanto a Arthur Ramos, além, também, da denúncia da inconsistência de sua teoria da democracia racial brasileira, terá sua abordagem teórico-metodológica contestada, tanto pelo culturalismo, quanto pela falta de alicerces empíricos.

CAPITULO 2: ATENÇÃO À ESPECIFICIDADE DA CULTURA AFRICANA

O ponto de partida dessa pesquisa e que, de certa forma, já resume a problemática, pode ser ilustrado com uma emblemática citação do próprio Dante de Laytano, em seu livro de memórias *Mar absoluto das memórias* (1986), em tópico dedicado as suas reminiscências em relação a Arthur Ramos. Laytano comenta:

[Arthur Ramos] Representou, para mim [...] uma de minhas influências decisivas ao inclinar-me na pesquisa do homem de cor. [...] Dediquei a Arthur Ramos meu trabalho sobre 'Os africanismos do dialeto gaúcho' que teve crítica lindíssima. Este é um livro em homenagem devota a minha filiação a linha espiritual de Arthur Ramos. Quanto a Gilberto Freyre minha fidelidade é de caráter sociológico. Diria que com Arthur Ramos fixa-se no caso antropológico. [...] Arthur Ramos, uma recordação diferente para mim. Pois, foi uma de minhas influências decisivas. (LAYTANO, 1986, p. 89, 90)

Dessa forma, para o próprio autor aqui estudado, sua abordagem do tema relativo ao negro possui duas orientações basilares distintas. Um lugar para Gilberto Freyre em que se inscreve a análise de cunho sociológico e outro para Arthur Ramos quanto à orientação antropológica de seus exames sobre o negro.

Partindo dessa premissa procuramos fazer uma leitura de alguns textos de Laytano para verificar a procedência de tal “confissão” de vinculação teórica e intelectual. Com efeito, uma sondagem na obra do autor, munido do parâmetro das diferenças e aproximações entre seus mestres interlocutores, evidenciou um lugar diferenciado para cada um deles.

Para entender a citação de Laytano, é necessário, primeiramente, evidenciar as diferenças substanciais entre o trabalho de Arthur Ramos e de Gilberto Freyre. Como ambos representam os ícones da reviravolta no estudo do negro e das relações étnicas e raciais na década de 1930, orientados pelo viés culturalista da antropologia norte-americana, é comum apenas comentar a importância de Ramos e de Freyre para o trabalho de Dante de Laytano, de forma genérica, em relação ao culturalismo, não mostrando suas diferenças. Não se procurou até o momento fazer uma análise mais aprofundada da relação desses dois intelectuais, Dante de Laytano e Arthur Ramos.

Campos (2004) e Nucci (2006) identificam diferenças fundamentais na forma de Gilberto Freyre e Arthur Ramos abordarem o tema das relações raciais e da cultura negra no Brasil. Seguindo a linha reflexiva apontada por Roger Bastide procuram mostrar que as concepções entre aqueles intelectuais já se apartam no método, o que acaba por alocá-los, num sentido específico, em ciências diferentes. Arthur Ramos trabalha com o “método etnográfico” para a pesquisa antropológica. Gilberto Freyre por seu turno está preocupado com o *sistema de relações sociais* apreendido a partir de um “método sociológico”.⁴

Deriva dessa diferença crucial no método de abordagem da temática uma série de outros desdobramentos que distanciam os dois autores que consideramos aqui os interlocutores intelectuais de Dante de Laytano para o estudo do negro. O primeiro ponto que consideramos essencial destacar é a *perspectiva africanista* dos estudos de Ramos a partir da Antropologia. Dentro dessa abordagem Ramos preocupou-se em “resgatar os elementos originais dos padrões de cultura africana no Brasil” – seguindo nesse sentido a tradição de Nina Rodrigues – procurando distinguir a cultura africana da branca e da indígena.

Gilberto Freyre, de outro modo, definitivamente não possui essa preocupação, ao contrário, sua análise sociológica o leva a diluir a cultura africana na cultura afro-brasileira. Não há, para Freyre, uma cultura africana no Brasil, interessa sua situação social nesse novo ambiente, dentro da família patriarcal onde escravo e senhor se relacionam compondo “uma miscigenação

⁴ Gilberto Freyre é reconhecido pela dificuldade de enquadramento em modelos metodológicos rígidos. Ele parece proceder um tipo peculiar de sociologia, diferente da sociologia clássica e que não é acadêmica, especialmente o tipo de sociologia acadêmica que se firmou no Brasil nas décadas de 1950, 1960, na USP, marcadamente weberiana e durkheimiana. Inclusive vários analistas constataam a dificuldade de enquadrá-lo em uma área disciplinar específica, ele próprio, por exemplo, identifica-se apenas como escritor. Contudo, Antônio Candido oferece um bom parâmetro para se avaliar essa sociologia peculiar de Freyre: “Diferentemente do que sucede em outros países, a literatura tem sido aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito. O exemplo da sociologia é elucidativo a este respeito (...) de Euclides da Cunha a Gilberto Freyre, a sociologia aparecia mais como ‘ponto de vista’ do que como pesquisa objetiva da realidade presente. O poderoso ímã da literatura interferia com a tendência sociológica, dando origem àquele gênero misto de ensaio, construído na confluência da história com a economia, a filosofia ou a arte, que é uma forma bem brasileira de investigação e descoberta do Brasil, e à qual devemos a pouco literária *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, *Populações meridionais do Brasil*, de Oliveira Viana, a obra de Gilberto Freyre e as *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda”. (CÂNDIDO, apud NEDEL, p. 272)

que alagou tudo” (FREYRE, 1968, p. 649). “Para (...) [Freyre] o negro é estudado como todo um sistema de relações sociais; com (...) [Ramos] ele é estudado em si próprio independente de sua posição social.” (BASTIDE, apud CAMPOS p. 46)

Com efeito, Freyre não se utilizou de uma abordagem antropológica da cultura negra e das relações raciais no Brasil. Não que não tenha evidenciado aspectos antropológicos dos negros trazidos para o Brasil. Contudo, para ele, o interesse pela antropologia do negro restringe-se à África, ou seja, mostra os diferentes tipos humanos trazidos para as Américas no sentido de argumentar que para o Brasil vieram negros com qualidades eugênicas superiores do que para outros lugares, principalmente para a América do norte. Entretanto, aqui chegados, misturados entre si, e com a cultura branca dominante, perderam a possibilidade da manutenção de uma cultura originária.

Freyre é bastante claro quanto à importância do sistema escravista para o papel do negro na sociedade brasileira, ele não estuda o negro, estuda o escravo, porque, segundo sua óptica, esse sistema quebrou a possibilidade da sobrevivência de manifestações genuínas da cultura africana e colocou o negro em um sistema em que, enquanto mercadoria, agiu como animal ou máquina de ganho.

Dessa forma Freyre refuta a possibilidade de estudo de uma cultura africana no Brasil. A oposição de Ramos nesse sentido é clara:

A tese de que não podemos estudar o negro, como representante de uma cultura, mas sim considerando sob o ângulo da escravidão, é uma idéia cara a Ruediger Bilden, e que Gilberto Freyre converteu em *leitmotiv* nos seus ensaios sobre a influência do negro no Brasil. É inegável o fenômeno de que o regime da escravidão alterou as condições normais da vida cultural e social do negro. Tomando como base o regime da escravidão,

Gilberto Freyre estuda todos os males da nossa formação social, examinando nos seus ensaios não as culturas negras e suas influências entre nós, mas sim as relações entre *dois* regimes sociais, entre *dois* representantes desses regimes, entre *duas* manifestações sociais e culturais: o patriarcalismo branco e a escravidão negra, o senhor e o escravo, a casa grande e a senzala, o sobrado e o mocambo... Destas antinomias, o autor constrói toda uma história social brasileira que podemos perguntar se é de *todo* o Brasil, ou se é uma generalização de um fenômeno particular da monocultura latifundiária do nordeste, com as relações estudadas em binômios sociais do tipo ‘senhor-escravo’. Mas não é nosso propósito entrar aqui nesta discussão.

A tese de Ruediger Bilden e de Gilberto Freyre, de que não podemos estudar povos negros no Brasil, mas sim, e exclusivamente negros

escravos, é interessante e rica de resultados, mas inaceitável como generalização. Não foi, de fato, o regime da escravidão que, *por si só*, diluiu, esfacelou ou apagou as culturas negras no Brasil e no Novo Mundo, em geral. O regime da escravidão alterou, de fato, a sua essência, mas como fator ‘condicionante’, entre outros, de dois processos psicossociais de relevante significado: a) a separação dos indivíduos dos seus grupos de cultura e b) os contatos de raça e de cultura, com a *miscigenação*, na ordem biológica, e a *aculturação* na ordem cultural. (RAMOS, apud NUCCI, p. 95)

A apreciação de alguns textos de Laytano evidencia uma tônica atenta às especificidades da cultura africana, bem como ao instrumental de análise da antropologia. Em *Os africanismos do dialeto gaúcho* (1936), por exemplo, dedica uma seção para identificar o resgate da “história linguística do continente africano”. Também em outros trabalhos há essa preocupação como em *A Igreja e os Orixás* (1953-1960) e *O negro no Rio Grande do Sul* (1957), em que dedica excertos para o registro das “procedências africanas do negro sul-rio-grandense”. Além desses elementos, Laytano, ao comentar alguns cientistas africanistas, deixa transparecer a importância que acredita ter a identificação dos graus de pureza da cultura africana.

Em *A Igreja e os Orixás* Laytano demonstra estar atento à metodologia de abordagem da temática, como a observação etnográfica. O Historiador saiu a campo etnografar as casas de batuque, para coletar dados e observar os rituais. É assim, por exemplo, que consegue descrever os cultos e cerimoniais.

“Os passes” são dados pelos “cavalos de santos”: “dar os Axés”. Percorre toda a assistência, processo demorado, o “cavalo do santo” chega-se até o “filho da fé”, ele tem de deitar-se no chão, o “filho da fé” em decúbito ventral, fica esperando até o orixá mandar levantar-se. É um longo cerimonial, ou curto, conforme a oportunidade. Depois a segunda etapa do passe: o crente já levantado. Logo a terceira etapa: a atitude passiva do crente. Sopro, assobio, suor, palmas, gestos, abraços, etc. Até a última etapa: a despedida. Realmente é um ritual rico em peripécias. (LAYTANO, 1984, p. 203)

O trabalho de campo é o método de trabalho seguido por ele em *As Congadas do município do Osório*, em que analisa a festividade enquanto sobrevivência folclórica e um evento privilegiado para a observação dos fenômenos do sincretismo afro-católico e da aculturação.

As Congadas do município de Osório foram estudadas *in loco*, sendo portanto um legítimo “field work”, o que nos consola um pouco, e o tabu das pesquisas bibliográficas foi quebrado, neste ensaio sobre uma

feira de descendentes de povos primitivos, conciliando os aspectos da documentação original com a literatura sobre o assunto. (LAYTANO, 1945, p. 100)

Dante de Laytano demonstra um apurado conhecimento dos elementos da cultura e da religião africana e procura transmitir o maior número de dados possíveis de levantamentos etnográficos, sem arriscar aprofundadas interpretações, aliás, essa uma tendência dos estudos folclóricos, como comentaremos mais adiante.

As 71 casas de batuque que visitei, e uma por uma, consegui que me fornecessem os nomes dos Deuses Africanos, é muito difícil dar uniformidade a esses assuntos. Aqui seria o caso de ter uma idéia mais ou menos perfeita daquela que se procura. Partindo desse ponto de vista acautelo-me nas generalizações, embora possa assegurar a exatidão relativa do inquérito. Encontrei, nos batuques de Porto Alegre, os batuques seguintes: [...] (LAYTANO, 1984, p.209)

No texto de Laytano, após a citação reproduzida acima, ele lista uma série de deuses africanos. Essa citação é exemplar da forma como o autor apresenta os dados. Procura informar e numerar, citando os nomes dos deuses, os respectivos poderes a eles atribuídos e as decorrências específicas das mudanças nesses nomes, conforme o sexo e a idade. Dedicar atenção ao sincretismo, que não chega nem a conceituar, referindo apenas como “mistura sincrética de Santos Católicos e Deuses da África” (LAYTANO, 1984, p. 210) e descreve uma série de correspondências católicas para os deuses africanos, observados por ele em terreiros de batuque. A mesma análise faz com o fetiche: “símbolo representativo de cada Deus Africano”, o que apenas cita enquanto registro, sem fazer análises interpretativas.

Outras categorias valorizadas por Laytano são as noções de *assimilação*, *aculturação*, *contato*, *sincretismo*. Esses conceitos são apropriados da antropologia cultural, com quem o autor dialoga, e muito por inspiração em Arthur Ramos, segundo seu próprio reconhecimento.

Dante de Laytano tem uma formação dentro da história política e de inspiração positivista, entretanto acompanha o debate sobre raça e cultura no Brasil, de vertente culturalista, passando a utilizar esses conceitos em suas análises.

Dialoga com Arthur Ramos ao aceitar conceitos que são centrais na metodologia de abordagem desse antropólogo, como é o caso, por exemplo, do conceito de “*padrões de cultura*” ou “*grupos de cultura*”. Dante de Laytano, ao estudar a origem das “*nações*” ou “*ramos*” do continente africano dos negros do Rio Grande do Sul, identifica “conforme a lição de Arthur Ramos” os “padrões de cultura sobreviventes”. Ele consegue levantar entre os negros de Porto Alegre a correspondência das “*nações*” africanas sistematizadas por Ramos, embora, conforme o padrão de suas análises, apenas as cite.

Campos (2004) também salienta a atenção dispensada por Ramos às noções de “áreas culturais africanas”, categoria que, segundo essa autora, Ramos absorve de Herskovits e que revelaria uma correspondência de elementos psicossociais entre os indivíduos, seus grupos de cultura e o ambiente. Ainda essa noção de “área cultural” ou “padrão de cultura” é utilizada para valorizar a riqueza e especificidade da cultura africana, pois a coexistência de vários padrões demonstram a África enquanto um mosaico cultural e não enquanto uma uniformidade simplista.

Segundo o autor, o problema da procedência dos escravos que vieram para o Novo Mundo é generalizado, uma vez que os documentos sobre o tráfico são falhos. Daí a importância do critério utilizado pioneiramente por Nina Rodrigues e seguido pelos demais investigadores em outras partes da América: é pela comparação das características culturais de origem que se pode inferir a que tipos africanos se filiam. (CAMPOS, 2004, p. 134)

Arthur Ramos alia a noção de área cultural de Herskovits com os levantamentos de “nações africanas originárias” sistematizadas por Nina Rodrigues no Brasil. Dentro da macro-compreensão que elaborou a respeito da cultura africana no Brasil, uma grande preocupação é com a recuperação científica da originalidade dessas culturas, que ofertariam um maior rigor no desvelamento de sua influência na sociedade brasileira.

Segundo Ramos, o problema da procedência dos escravos no Novo Mundo é complexo. Por isso a valorização do método atribuído por ele, pioneiramente, a Nina Rodrigues de compreensão das características culturais de origem africana e inferir os tipos correspondentes no Brasil e na América como um todo. Estudam-se os traços das culturas africanas sobreviventes para inferir sobre a origem africana.

No Rio Grande do Sul Laytano identifica a partir da classificação dos “padrões culturais” de Ramos a sobrevivência de cinco nações: Nagô, Gege, Oiô, Ijecha e Oba.

A. Ramos classifica em três padrões, como disse, as culturas negras no Brasil:

“A) Culturas Sudanesas – representadas principalmente pelos povos yoruba da Nigéria (Nagô, Ijecha, Eubá ou Egbá, (Obá) Ketu, Ibadan, Yebu ou Yjebu ou grupos menores): pelos Daomeianos (grupo Gegê: Ewe, Fon, Efan e grupos menores) pelos Fanti-Ashanti, da costa do Ouro (grupo Mina Propriamente dito; Fanti ou Ashanti); por grupos menores da Gâmbia, da Serra Leoa, da Libéria, da Costa da Malagusta, da Costa do Marfim... krumano, Angi Zema, Timini)

B) Cultura guineano sudanesas islamizadas, representadas em primeiro lugar pelos a) Peuhl (Fulah, Fula, etc.) Mandinga (Solinke, Bambará...) e c) Haussá do norte da Nigéria; e por grupos menores como os Tapa, Bornu, Gurunsi, e outros.

C) Culturas Bantus, construídas pelas inúmeras tribos do grupo Angola-Congolês e do grupo da Contra-Costa”.

Voltando A. Ramos, noutra passagem de seu livro antropologia brasileira, ao falar das culturas sudanesas e sobre quais as tribos yaoruba que vieram para o Brasil, diz que “Nina Rodrigues ainda consegui na Bahia, em fins do século passado, ver negros Nagôs de quase todas as pequenas nações Yoruba. Eram ainda na época os mais numerosos e influentes naquele Estado. Os mais freqüentes eram os ayó (oió), provenientes da mesma cidade do reino de Alafin”.

Temos então que os – Gege – Nagô – Oiô – Ijecha – Oba pertencem aos mesmos grupos culturais, com subdivisões seguintes:

- a) – Cultura Daomeiana e o grupo gege do Brasil
- b) – Cultura Yoruba e o grupo nagô do Brasil, incluindo-se os oiô, os ijecha e os oba. (LAYTANO, 1984, p. 217)

Mesmo valorizando o resgate do grau de pureza da cultura africana sobrevivente, assim como Ramos, Laytano reconhece a dificuldade de obter sucesso total, pois, tratando-se de cultura, interfere o processo de aculturação, de assimilação e, no campo religioso, o sincretismo. Ramos defende essas sobrevivências, mas não em estado puro.

Também Laytano aponta para esse problema:

O ramo ou nação do culto africano é um problema de grande importância, verificando-se, antes de mais nada, que se filia o culto negro à nação ou ramo do continente de origem, entretanto não se pode dizer que os fiéis desse culto pertençam àquela nação ou ramo da África.

As populações negras não conseguiram manter-se absolutamente separadas no Brasil, isto é, povo por povo, nação por nação e ramo por ramo.

Foi fatal o contato e a mistura, tornando-se impossível estabelecer o limite ou a área que viveu cada povo da África no nosso país. (LAYTANO, 1984, p. 216)

É portanto necessário atentar às procedências antropológicas, apesar do domínio de umas cinco nações culturais africanas no Brasil que absorveram todas as outras. No Rio Grande, o fenômeno é o mesmo. O cuidado é sempre pouco [...] (LAYTANO, 1984, p. 211)

Entendemos que Laytano desenvolve de maneira muito modesta a interpretação dos levantamentos realizados a respeito da cultura negra no Rio Grande do Sul. Contudo, demonstra uma preocupação na forma como olhar para o problema, na disposição dos registros, no interesse por especificidades da cultura, da religião e das procedências do negro, além da própria terminologia usada, que o aproxima de um viés empregado pelos estudiosos africanistas.

2.1 O NEGRO NO RIO GRANDE: UM CAMPO DE ESTUDOS LEGÍTIMO

Na perspectiva que seguimos nesse trabalho, pode-se interpor diferenças fundamentais entre as obras de Ramos e Freyre, complexificando os referenciais científicos utilizados por Laytano, o que nos parece essencial para a proposta de chancela científica que o historiador e folclorista gaúcho parece procurar na autoridade desses intelectuais para o estudo do negro e das relações raciais no Rio Grande do Sul.

Sirinelli (2003) aponta três orientações básicas para uma avaliação do desdobramento das relações políticas do intelectual. Seriam essas aberturas as noções de *itinerário*, *geração* e *sociabilidade*.

A *sociabilidade* estaria vinculada a mecanismos de “sociabilidade ideológica ou cultural” e de afinidades que se interpenetram. A sociabilidade intelectual opera, assim, possibilitando a atuação de intelectuais em torno de uma “ideologia” ou de um “intelectual mestre”.

A *geração* estaria interligada à noção de sociabilidade a partir da “solidariedade de idade”. Seu desdobramento resultaria, principalmente, na transmissão cultural de “mestres” para “legatários”.

Além dessas, a categoria de *itinerário* intelectual, segundo Sirinelli, mostra-se muito importante para situarmos uma obra e seu autor. O

desvelamento do percurso intelectual pode ser revelador de relações e de influências,

Sob a condição, é claro, de não nos limitarmos à trajetória apenas dos “grandes” intelectuais e de descermos até o extrato intermediário dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram, e até à camada, ainda mais escondida, dos “despertadores” que, sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem sempre adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representaram um fermento para gerações de intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política. (SIRINELLI, 2003, p. 246)

Consideramos que essas noções básicas de compreensão da ação do intelectual podem ajudar a entender melhor a obra de Dante de Laytano, principalmente quanto ao seu engajamento na defesa da importância de estudar o negro no Rio Grande do Sul e do papel que a história e os historiadores sul-rio-grandenses tinham nesse sentido.

O estudo do negro sul-rio-grandense por Laytano pode ser problematizado como enfrentamento e desafio dentro de uma comunidade intelectual e científica preocupada com outros temas, que consideravam “mais nobres”. É flagrante nos textos do autor críticas à intelectualidade local quanto à negligência e mesmo um preconceito quanto ao tema. Laytano era um defensor da consolidação de um campo de estudos da temática étnica, que incluísse o afro-brasileiro, no Rio Grande do Sul. Esse menosprezo por parte dos “historiadores locais” em relação à contribuição do negro, fazia com que, além da pesquisa em si, os textos de Laytano assumissem um caráter militante da importância e do compromisso científico em reconhecer e incluir a parte que cabia ao negro na composição da sociedade sul-rio-grandense.

Vejamos algumas passagens do autor acusando essa negligência por parte dos pesquisadores locais.

Gilberto Freyre, o mestre de “Casa Grande e Senzala”, e Melville Herskovits, professor da Northwestern University, de Chicago, uma das autoridades nos Estados Unidos, em assuntos do negro, e recentemente o sociólogo francês Roger Bastide, observaram, nos nossos dias, “in-loco”, que a percentagem e influência negra no Rio Grande do Sul são bem apreciáveis, contrariando completamente o que dizem os donos da história regional. É evidente que essa influência foi menor que a da Bahia, Pernambuco, Minas e Rio, ou outras áreas circunvizinhas, mas daí ao negar-se por completo a influência negra no Rio Grande vai uma distância bem razoável. (LAYTANO, 1945, p. 18)

Como era de esperar, o Rio Grande não está aí incluído na respectiva área dos “Moçambiques” e não por culpa dos pesquisadores nacionais, mas pelos do próprio Rio Grande que se negam a admitir, com esta verdadeira mania de índio, espanhol e açoriano, a simples existência de negros entre nós. (LAYTANO, 1945, p. 62)

[...] os historiadores do Rio Grande não se detiveram no estudo do negro e os seus comentários são pequenos quase sempre ou apenas por incidência na descrição dos tipos étnicos tradicionais, pois os nossos escritores tiveram convencidos da pouca importância do negro na nossa formação [...] (LAYTANO, 1945, p. 89)

Confirmando a estratégia intelectual de Laytano para afirmar-se entre seus pares gaúchos, mesmo divergindo com uma temática inovadora, Nedel (1999) salienta como ele se utilizava da relação próxima com intelectuais eminentes, bem como da recíproca por parte desses mestres enquanto aval de legitimidade de seus estudos no Rio grande do Sul.

É significativo que, ao assumir essa posição eminentemente diversionista de retratação da *região*, Dante de Laytano procurasse, via de regra, fazê-lo incorporando o aval de intelectuais de outras partes do Brasil, como Roquete Pinto, José Honório Rodrigues, Thales de Azevedo, Gilberto Freyre, Pedro Calmon e Câmara Cascudo. Desses pródigos comentaristas e prefaciadores de suas obras, podia, além disso, tomar de empréstimo parte do prestígio que utilizava como “salvo conduto” no trânsito entre os sempre renhidos eruditos locais, sobretudo aqueles reunidos no IHGRS. (NEDEL, 1999, p. 175)

Dentro da proposta da presente análise, poderíamos incluir entre os intelectuais salientados por Nedel, Arthur Ramos, que como pretendemos mostrar aqui, teve parte importante na inclinação de Laytano ao estudo do negro. Lembrando sempre que Ramos teve um condicionante que contribuiu para certa negligência quanto a sua importância no olimpo intelectual das ciências sociais do país, que é o fato de ter falecido precocemente, deixando sua obra incompleta. Quanto às referências de Laytano a Ramos, tendo em pauta o campo de estudos do Rio Grande do Sul, impera o fato de Ramos nunca ter vindo ao estado além de não ter escrito nada a respeito do negro sul-rio-grandense. O historiador gaúcho comenta, de forma um tanto desolada, a não obtenção da vinda do eminente antropólogo ao estado; “De fato o negro no Rio Grande do Sul não chega a 15 % um pouco mais ou um pouco menos. Razão pela qual nunca consegui trazer o mestre [Arthur Ramos] a Porto Alegre”, e continuando:

Os nossos encontros decorriam de horas de discussão amável. Que lembrança agradável! Seu tipo o fazia um cidadão gordo. E o era. Pela sua mão, participei dos congressos de estudo do afro-brasileiro. Quando se iniciou o debate em auto escalão da problemática das condições do africano no Brasil. Para assunto de antropologia talvez física às vezes, e sempre antropologia cultural na maioria dos casos, eivada de constantes de psicanálise. O que foi novidade. (LAYTANO, 1986, p. 90)

Se Arthur Ramos não esteve no Rio Grande do Sul, Laytano obteve a vinda de outro grande antropólogo, aliás, muito próximo de Ramos. Como salientado no primeiro capítulo, Herskovits esteve em Porto Alegre no ano de 1942 para efetuar pesquisa de campo a procura de sobrevivências africanas nas Américas. Dante de Laytano esteve envolvido no trabalho de Herskovits, assim como em sua vinda a Porto Alegre, como chega a comentar em um de seus livros.

No estudo da ciência do homem, que é a antropologia, lato sensu, Melville Herskovits, professor da Northwestern University, antropólogo de extraordinária bagagem de sapiência (...) esteve, e que acaso feliz, acaso provocado, evidente, por um de seus amigos e discípulos, que é o autor dessas linhas, escreveu uma monografia rara, pela penetrabilidade das conclusões, ("O extremo sul dos africanismos do Novo Mundo" (...)) (LAYTANO, 1984, p. 199)

O juízo elaborado por Laytano a respeito da autoridade científica do antropólogo norte-americano, bem como a satisfação de ter atestado a "pureza" e a importância da cultura africana no Rio Grande do Sul, leva-nos a crer na possibilidade de uma ponte de ligação teórico-analítica que Herskovits representa entre Dante de Laytano e Arthur Ramos.

É importante mencionar a relação intelectual entre Herskovits e Ramos por dois motivos. O primeiro é a já apontada perspectiva africanista de abordagem da cultura negra na América, que também era central nas abordagens de Herskovits e acaba por influenciar fortemente a inclinação de Ramos para o culturalismo e a segunda é a importância que o próprio Dante de Laytano atribui a autoridade científica de Herskovits, de suas pesquisas em Porto Alegre, em que analisa a originalidade da cultura do negro sul-riograndense.

Dante de Laytano ao mencionar o trabalho de Herskovits procura evidenciar justamente a importância do atestado que esse cientista oferece sobre a relevância da sociedade sul-rio-grandense como campo privilegiado para coleta etnográfica de elementos da cultura africana no Brasil, que preservavam um alto grau de originalidade.

Herskovits admite que os negros de Porto Alegre são dos mais puros, mesmo, evidente, seus descendentes. Pois não se pode falar em negro legítimos. Diz que os negros de Porto Alegre têm vivido aparentemente por muitos anos isolados de outras comunidades afro-brasileiras. A situação é, em absoluto, independente do resto do país. Não se encontram aqui, no Rio Grande do Sul ou em Porto Alegre, negros baianos, mineiros ou pernambucanos. Não tinham informações deles. (LAYTANO, 1984, p. 200)

O estudo de Herskovits sobre o negro sul-rio-grandense é citado com grande entusiasmo por Dante de Laytano, mesmo como o atestado de legitimidade e importância do campo “local” por uma incontestável autoridade no assunto.

Melville J. Herskovits, professor de antropologia da Northwestern University, dos Estados Unidos, e autor dos mais notáveis estudos em torno do negro na África, Antilhas, Guianas, Norte América e Brasil, realizou, o que é de grande valia científica para nós, estudos em Porto Alegre quando, no nosso país, fazia coleta de dados sobre a raça negra, com auxílio da Fundação Rockefeller. (LAYTANO, 1945, p. 90)

Herskovits fez render sua visita à Porto Alegre. Quando nos deixou depoimentos insuspeitos. Sem falso pudor. Não escondendo a presença afro-gaúcha de atuação brilhante no folclore ou na história, na antropologia ou na religião, etc. (LAYTANO, 1984, p. 201)

E não menos emblemática é a citação de Laytano quando lembra Arthur Ramos em suas memórias, pois faz uma relação justamente com Herskovits.

Nunca consegui trazer o mestre [Arthur Ramos] a Porto Alegre. Em compensação obtive a vinda de Roger Bastide, hoje na Sorbonne, e Melville Herskovits, que morreu em plena ação na cátedra na Northwestern University, em Evanston, Chicago. Ambos eram nossos amigos comuns e dos dois assistimos frequentes aulas, Arthur Ramos e eu, em épocas diferentes. Mas eram todos as grandes autoridades no estudo da antropologia do negro. Herskovits desfrutava da posição de maior “expert” norte-americano no assunto. Logo após a morte de Franz Boas ele ficou o primeiro antropólogo em conhecimento no assunto. Arthur Ramos lecionava na Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro que então se chamava Faculdade Nacional de Filosofia. As outras Faculdades brasileiras pareciam assim estrangeiras. (LAYTANO, 1986, p. 89)

2. 2 FRONTEIRAS EPISTEMOLÓGICAS DO FOLCLORE

Dentro dessa linha de aproximação de Laytano com intelectuais de outras disciplinas, como a antropologia, interpõe-se um condicionante: Laytano não é antropólogo ou sociólogo, é historiador e folclorista. Entretanto, essa condição não invalida sua interlocução intelectual como Arthur Ramos, ao contrário, acentua.

Em primeiro lugar, a própria abordagem da cultura negra enquanto sobrevivência folclórica é um indício desse alinhamento. Campos (2004), analisando a obra de Ramos, principalmente o livro *Folk-lore negro no Brasil* procura mostrar que para esse antropólogo a cultura negra, enquanto uma “sobrevivência emocional”, “conservando elementos pré-lógicos”, oferece os elementos da cultura popular brasileira, portanto são eminentemente sobrevivências folclóricas. É assim que propõe o estudo dos hábitos, tradições, crenças religiosas e mitológicas que se fragmentam e se diluem imiscuindo-se no inconsciente coletivo brasileiro.

Inclusive reside aí outro artifício de sua busca dos elementos sobreviventes da cultura africana, considerada mágica e emocional. Para Ramos esses elementos, através do *sincretismo*, acabaram por integrar-se ao “inconsciente folclórico” da população brasileira. Assim, identificadas essas estruturas, é possível – através da intensificação do contato cultural (com a cultura branca ocidental superior) – elevar a cultura do negro. A eliminação dessas categorias ainda primitivas no “inconsciente folclórico” da civilização brasileira a conduziria rumo à racionalidade e o progresso.

Diante do ambiente de consolidação disciplinar institucional a que estamos nos referindo, o folclore enquanto disciplina, também reivindica estatuto de ciência e um espaço nos currículos universitários diante da antropologia e da sociologia.

Nedel (2005) também destaca as décadas de 1940, 1950 e 1960 como o momento de consolidação das ciências sociais no Brasil em que as diferentes disciplinas disputam espaço de consolidação institucional.

Entre um primeiro momento de vigor, nos anos 1920, 1930, em meio ao projeto modernista, e a posição de proscrição com o advento da pós-graduação

nos anos 1970 (sinônimo de profissionalização universitária), o folclore concorreu com outras disciplinas, entretanto, com um aporte teórico-metodológico exíguo.

(...) as teorizações eram raras entre os autores engajados no movimento, como a interlocução com as linhas mais “modernas” de pesquisa era limitada pela natureza prospectiva das investigações folclóricas, que colocavam toda a ênfase sobre a realidade empírica. (Nedel, 2005, p.167)

(...) o *folclorismo* tenta reinstaurar o papel das culturas regionais na formulação das propriedades de origem da nacionalidade, manipulando-as por uma pesquisa metodologicamente orientada por conceitos, como “aculturação”, “assimilação” e “transculturação”, tomados de empréstimo das ciências concorrentes. (NEDEL p. 2005, 173)

Nesse sentido, é exemplar a obra de Dante de Laytano. Ele não teoriza, não reflete sobre os conceitos, raramente interpreta, enfim, fica mais no aspecto de coleta de dados etnográficos. Aliás, esse é um dado que dificulta a análise de seus textos, nesse parâmetro de ver diálogos e interlocuções com outros estudiosos. Como a reflexão é pouca, e a fundamentação teórica e interpretativa secundárias, a análise de seus textos, que sobre o negro por sinal também são poucos, tem que ser *qualitativa* e não quantitativa.

O próprio Dante de Laytano chega a confessar suas dificuldades, emblema de um intelectual de província, distante dos centros de pesquisa no Brasil. Por exemplo, em *As Congadas do município de Osório*, comenta:

Não só o A [utor, no caso ele próprio] teve deficiências para seguir um determinado método como o que mais lhe parecia útil era coligir [...] A metodologia é uma questão vasta e essencial, antes de mais nada consistia em salvar as informações sobre as Congadas [...] depois conclui-se com uma crítica baseada numa parte bibliográfica que incluísse os significados folclórico, etnográfico, sociológico e antropológico, religioso e artístico da festa dos negros. (LAYTANO, 1945, p. 100)

O Folclore enquanto ciência carecia de consistência e independência epistemológica, privilegiando uma aproximação tácita com a antropologia. É o que a recomendação do I Congresso Nacional de Folclore de 1951:

O I Congresso Brasileiro de Folclore reconhece o estudo do folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais, condena o preconceito de só considerar folclórico o fato espiritual e aconselha o

estudo da vida popular em toda sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual.

[...] Em face da natureza cultural das pesquisas folclóricas, exigindo que os fatos culturais sejam analisados mediante métodos próprios, aconselha-se, de preferência, o emprego dos métodos históricos e culturalistas no exame e análise [...]. (CNFL, 1951: 173 apud NEDEL, 2005, p. 174)

Ou seja, admitia-se que os métodos referenciais de análise do Folclore pertenciam à outra disciplina, a antropologia. Além disso, o sentido salvacionista e a pouca reflexão teórica acabou por determinar o empirismo de suas produções.

Dante de Laytano inscreve seus estudos sobre o negro no Rio Grande do Sul dentro do Folclore. Contudo, pode-se dizer, a partir da análise de seus textos, que os parâmetros teórico-metodológicos utilizados – pelo menos em relação ao estudo da cultura negra enquanto sobrevivência folclórica – estão amparados em disciplinas vizinhas, como a antropologia de Arthur Ramos, que é o interesse nessa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia para esse trabalho iniciou-se há mais de um ano, no final da graduação, quando iniciamos o estudo da obra de Dante de Laytano. Foi justamente a temática da situação do negro no Rio Grande do Sul que atraiu nosso interesse, pois de um conhecimento genérico que possuíamos, sabíamos que Laytano representou um paradigma de referência nesse sentido, sendo uma voz isolada enquanto estudioso do negro no Rio Grande do Sul.

De fato, Laytano foi um pioneiro nesse sentido, pois em um ambiente em que a história política, de orientação historicista, em que as narrativas políticas e militares imperavam, e a erudição documental era um requisito insuperável, não foi na história que ele encontrou amparo e instrumentos para abordar a cultura popular, o folclore e a antropologia do negro, e sim nas ciências sociais, tanto na sociologia de Gilberto Freyre quanto na antropologia de Arthur Ramos. Pensamos que Laytano faz do caráter de debate atualizado e moderno que o culturalismo representa naquele momento um escudo para se impor e defender a legitimidade e “cientificidade” do tema frente à intelectualidade “local” refratária.

Dante de Laytano fica como o único intelectual sul-rio-grandense de renome especialista no estudo do negro. A historiografia local continuará negligenciando o tema e apenas na década de 1960 haverá novas contradições à visão embranquecida do Rio Grande do Sul, contudo por um intelectual forasteiro, Fernando Henrique Cardoso, com *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. Inclusive Cardoso fez terra arrasada da historiografia sulina em relação a esse objeto, denunciando até mesmo Laytano pela perseguição do modelo freyriano, visto que Cardoso representa uma corrente oposicionista aos estudos culturalistas, a chamada “sociologia uspiana”.

Nossa suspeita inicial era de um alinhamento de Laytano com o pensamento de Gilberto Freyre, entretanto, conforme fomos conhecendo a obra do autor, percebemos alguns elementos destoantes do modelo sociológico freyriano. Seguramente que as influências teóricas sobre Laytano não se resumiram a um único cientista, mesmo porque sempre foi um intelectual atuante, habilidoso e atento ao debate corrente fora do estado.

Dante de Laytano teve um peso maior do que a atuação no meio acadêmico e na pesquisa científica. Esteve empenhado em um papel político de pensar a própria identidade do Rio Grande do Sul perante a nação, identidade essa sempre considerada desviante (OLIVEN, 1992). O estudo da cultura popular, do folclore – lugar onde ele via o papel do negro – contribuiria como um elemento dessa aproximação.

A análise que procedemos de parte da obra de Laytano evidenciou inúmeras referências ao antropólogo Arthur Ramos, além de uma aproximação tática com a antropologia cultural, com a valorização de seus métodos, suas abordagens, seus modelos interpretativos que, segundo ele próprio, teria inspiração na obra de Ramos.

Certamente faltou analisar alguns aspectos desse diálogo que converge entre a obra africanista de Arthur Ramos e a trajetória intelectual de Dante de Laytano. Sabemos de várias correspondências trocadas entre ambos, foi lamentável não termos tido acesso a elas, esclareceriam e iluminariam vários pontos importantes para o interessado nessa temática.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Maria José. **Artur Ramos: luz e sombra na antropologia brasileira: uma versão da democracia racial no Brasil nas décadas de 1930, 1940.** Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

CORRÊA, Mariza. **O mistério dos orixás e das bonecas: raça e gênero na antropologia brasileira.** In: Etnográfica, Vol. IV (2), 2000, pp. 233-265. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/.../Vol_iv_N2_233-266.pdf Acesso em: 27/08/2009. 2000.

_____. **Cartas Marcadas: Arthur Ramos a o Campo das Relações Raciais no Final dos Anos 1930** In: ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, Vol. 119 • 1999. pp. 35 – 58.

BARCELLOS, Daysy M. de. 1997. **Dante de Laytano e o folclore Negro no Rio grande do Sul.** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 3, nº 7 p. 252 – 275, outubro de 1997.

DUARTE, Luiz Fernando. **Arthur Ramos, antropologia e psicanálise no Brasil.** In: ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, Vol. 119 • 1999. pp. 11 – 28.

FAILLACE, Vera Lúcia Miranda (org). **Arquivo Arthur Ramos: Inventário Analítico.** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

FLORES, Moacyr. **Nos caminhos da História com Dante de Laytano.** Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXI, nº 1 p. 109-117, julho 1995.

_____. **Historiografia: estudos.** Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: introdução a historia da sociedade patriarcal no Brasil,** Rio de Janeiro: Jose Olympio Editora, 1966.

_____. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano,** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Africanismo e democracia racial: a correspondência entre Herskovits e Arthur Ramos (1935 -1949).** Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Africanismo%20e%20democracia%20racial.pdf> Acesso em 17/08/2008. 2004.

LAYTANO, Dante de. **As Congadas do município de Osório.** Boletim de Estudos do Folclore do Rio Grande do Sul. Edição da Associação Rio-grandense de Música, 1945.

_____. **Folclore do Rio Grande do Sul: levantamento dos costumes e tradições gaúchas.** Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

_____. **Mar absoluto das memórias.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.

_____. **Os Africanismos do Dialeto Gaúcho.** Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – II Trimestre do Ano XVI, Porto Alegre, 1936.

_____. **O negro no Rio Grande do Sul.** In: Anais do Primeiro Seminário de Estudos gaúchos. Porto Alegre: PUCRS, p. 27 – 106, 1957.

LIMA, Maurício Lopes. **O lugar de Gilberto Freyre na abordagem de Dante de Laytano sobre o negro no Rio Grande do Sul.** Monografia (Monografia de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2008.

MAIO, Marcos Chor. **Arthur Ramos e a militância na Unesco.** In: ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, Vol. 119 • 1999. pp. 29 – 34.

_____. O diálogo entre Arthur Ramos e Costa Pinto. Dos estudos afro-brasileiros à “sociologização da antropologia”. In: **Ideais de modernidade e sociologia no Brasil:** ensaios sobre Luiz Aguiar Costa Pinto. / org. por Marcos Chor Maio Gláucia Villas Boas. Porto Alegre: editora da Universidade, 1999.

NEDEL, Letícia B. **Um Passado Novo para uma História em Crise:** Regionalismo e Folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965). Tese de doutorado - Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

_____. **Da coleção impossível ao espólio indesejado:** memórias ocultas do Museu Julio de Castilhos. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/429.pdf>, acessado em: 03/06/2008, 2006.

_____. & RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. **Historiografia, crítica e autocrítica:** itinerários da História no Rio Grande do Sul. In: Agora/Universidade de Santa Cruz do Sul, Departamento de História e Geografia – vol. 11, n. 1 2005, p. 161 – 186, 1995.

NUCCI, Priscila. Encruzilhadas e espelhos: as interlocuções obrigatórias de Bastide com Arthur Ramos e Gilberto Freyre (capítulo II). In: **Odiseu e o abismo:** / Roger Bastide, as religiões de origem africana e as relações raciais no Brasil. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP: [s.n.], 2006. pp. 49 – 105.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo:** a diversidade cultural no Brasil - Nação. Petrópolis, Vozes, 1992.

SEGURA-RAMIREZ, Héctor Fernando. Arthur Ramos. O incompreendido no fio da navalha (capítulo V). In: **Tiro no pé: Biopolítica, relações racializadas, academia e poder no Brasil -1823-1955/1997-2006**. Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2006. pp. 121 – 141.

SIRINELLI, Jan-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RAMOS, Arthur. **O negro Brasileiro: etnografia religiosa**. 5 ed., Rio de Janeiro: graphica, 2001.

_____. **Folk-lore negro do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, Vol. IV, 1935.

RAYMOND Boudon, PHILIPPE Besnard, MOHAMED Cherkaoui e BERNARD-PIERRE Lécuyer. **DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA**. Sob a direção de Tradução de António J. Pinto Ribeiro PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE LISBOA, 1990.

VILHENA, Luis Rodolfo. **Os intelectuais regionais**. Disponível em: <http://luisrodolfovilhena.googlepages.com/IntelectuaisregionaisRBCS.pdf>, Acessado em: 03/ 06/2008, S/D.